



OS SENHORES DE ROMA

CÉSAR

ALLAN MASSIE

CÉSAR

COLEÇÃO "OS SENHORES DE ROMA"

Augusto

Tibério

César

Marco Antônio e Cleópatra

Nero e seus herdeiros

Calígula

OS SENHORES DE ROMA

CÉSAR

ALLAN MASSIE

TRADUÇÃO
ANGELA LOBO DE ANDRADE



COPYRIGHT © ALLAN MASSIE, 1993
ALL RIGHTS RESERVED.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **BARBARA PARENTE**

Revisão: **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**

Capa: **RENATO KLISMAM | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Massie, Allan 1938-

César / Allan Massie; tradução de Angela Lobo de Andrade. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

224 p. (Os senhores de Roma)

ISBN: 978-65-5957-004-1

Título original: Caesar

1. Ficção inglesa 2. Júlio César, 53 A.C. - 44 A. C. -
Ficção I. Título II. Andrade, Angela Lobo de III. Série

21-1854

CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



2ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por **FARO EDITORIAL**

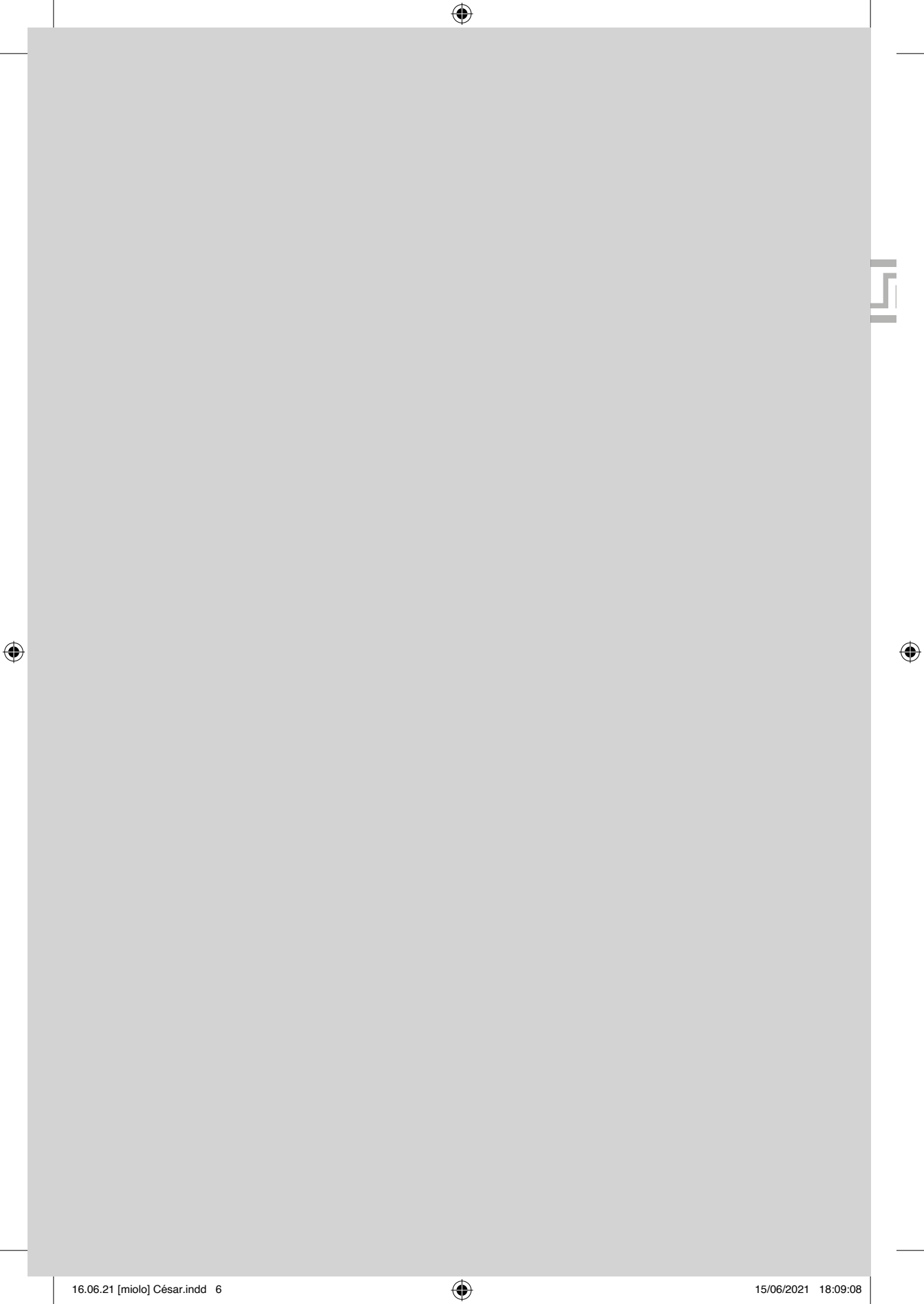
Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Para a Alison, como sempre





I

O RIO NÃO ERA MAIS LARGO QUE O SALTO DE UM CAVALO. NA OUTRA margem, pastores, figuras angulosas vestindo túnicas de pele de carneiro, reuniam seus rebanhos. A neblina do anoitecer escondia as ovelhas da vista; apenas a parte de cima dos pastores era visível sobre o vapor róseo que se elevava do terreno pantanoso. Fazia frio. Começou a chover. Virei-me e, com o joelho direito latejando — legado de minha última campanha —, coxeei um quilômetro de volta ao acampamento.

Casca estava na sua tenda, bebendo vinho quente com canela e noz-moscada. De pé, ao lado da mesa, sem armadura, sua barriga livre aparecia sob a túnica.

— Nada à vista. Nada a informar.

— Claro que não. Foi tudo arranjado — ele disse.

— Gostaria de ter tanta certeza assim. Ele já errou antes. Grandes erros! Labieno dizia que a “impetuosidade” era o maior defeito do general.

— Sim, e se ele não estivesse lá para contê-lo, estaríamos mal. Poupe-me essa cantilena, querido. O velho Labieno não está aqui, e tomara que ele desapareça!

Labieno, o mais experiente dentre os tenentes do general, seu companheiro desde os primeiros dias da Guerra da Gália, não gostava de Casca e chegava a desprezá-lo, pois deplorava sua predileção por rapazes e vinho. Muito justo, para quem invocava como refrão a “antiga virtude romana”. Mas Casca era meu primo e meu melhor amigo. Eu conhecia suas fraquezas e sua força melhor que Labieno. Apesar de toda sua autoindulgência

e afetação, ele tinha raça. Os soldados o adoravam e se divertiam com a presença constante de Diosipo e Nicander, os gregos catamitos de efeminados cabelos encaracolados que Casca dizia adorar. Era mentira. Casca não se importava com ninguém, a não ser com ele mesmo, com a possível exceção de sua mãe. Éramos amigos, mas ele cortaria a minha garganta se a política ou os seus interesses pessoais o exigissem.

— Deixei-o à mesa. Fingia-se de bêbado para flertar com a jovem esposa de um cidadão de Ravena. Uma gracinha, certamente bem mais doce que Calpúrnia, mas ela vai se dar mal, coitadinha!

— Sim — eu disse. — As ordens foram dadas. Ele declarou que suas intenções são honrosas e que sua causa é justa.

— Poupe-me das baboseiras de Cícero. Quando lutarmos, será pela carreira de César, pela vida dele. E pelas nossas! Se eu pudesse matar alguns dos meus credores, Roma seria mais agradável! Sabe a quanto montam minhas dívidas? Nem eu, felizmente, mas na semana passada minha mãe me escreveu a respeito. Não que vá ter muita ação amanhã. Atravessar esse córrego, que por alguma razão você achou necessário inspecionar, terá sido apenas um ato simbólico. Ele já enviou um destacamento para ocupar Rimini. Antônio e Cúrio chegaram ontem, fugidos de Roma, disfarçados de escravos. Eu queria ter visto o belo Antônio nesta situação!

Casca me soprou um beijo.

— Acho que ele está esperando a chegada dos dois — eu disse. — Imagino que tenha sido essa a causa do adiamento.

— Você está enganado, como sempre, primo. Em parte, a razão é política, para levar a oposição a se precipitar tão publicamente na destruição e na desgraça que ele poderá alegar que foi forçado a agir em legítima defesa.

— E não foi?

— Não foi? Talvez sim. Em se tratando de César, quem pode adivinhar o momento em que o ator vai tirar a máscara? Mas ele adiou também porque sabe que está no momento decisivo de sua carreira. É um jogador e apostou alto. Não tem volta, o primeiro passo é que conta. Agora é ele que dá as cartas. Ainda hoje ele cochichou no meu ouvido: “Deixemos que voem alto”.

— Você está nervoso? — perguntei. — Disseram-me que, na noite passada, César sonhou que dormiu com a mãe dele.

— César, o sonhador... — disse Casca.

— Tem notícias de Pompeu?

Casca riu. Ele considerava o grande general um grande pascácio, uma velhota, e riu de novo quando lembrei que certas velhotas, como sua própria mãe, eram muito valentes.

Pompeu se gabava de que bastava bater o pé no solo da Itália e legiões brotavam do chão. A notícia dessa bazófia, transmitida dias antes, perturbou César, até que Casca disse:

— Então tiraremos o chão debaixo dos pés de Pompeu e ele baterá os pés no ar.

— Os augúrios são favoráveis?

— Meu caro, os augúrios são favoráveis cumprindo as ordens de César.

VOLTEI PARA A MINHA TENDA, ANSIOSO, E ME DEITEI NA MINHA CAMA de campanha. Sabia-me incapaz da irreverência do meu primo. Casca tinha feito o papel de homem arruinado por tanto tempo que não sabia fazer outro, era incapaz de seriedade. Minha posição era diferente. Eu tinha espírito mais jovem, muito a perder, meu temor ao futuro era justificado. Em qualquer caso, uma guerra civil é sempre horrível. Pelo que eu sabia, Pompeu era capaz de tornar sua jactância realidade.

A noite se insinuava. Eu relutava em apagar a chama da lamparina. As histórias que o meu avô me contava sobre os proscritos nas guerras de Mário e Sila se interpunham entre mim e o sono. O que o sonho de César pressagiava? A implicação era evidente, inquietante, agourenta. Se Roma era a Mãe, deitar com ela seria incesto! Eu havia embalado a cabeça quebrada de Cláudio, meu amigo assassinado por uma gangue a serviço de Pompeu. Cícero defendeu o assassino, com sua retórica desonesta de sempre. Eu concordava com o desprezo de Casca pelo grande orador, salvador maneirista de Roma das mãos de Catilina, que, por sua vez, era primo e talvez amante da minha mãe.

Acho que não dormi.

Antes do amanhecer, havia mais que o movimento noturno — tinir de arreios, relinchar de cavalos, passadas fortes das sentinelas, o sussurro compacto de mil legionários.

Depois, ao longe, ouvi a música de uma gaita fina, dançante. Pus-me de pé, tropeçando, enfiei-me nas roupas, afivelando o escudo e pegando a espada. A névoa era densa, a umidade grudava, mas a música me levava.

Ao ouvir um barulho de água espirrando, eu soube que a margem do rio estava próxima. Um cavaleiro a galope esbarrou em mim, e o encontrão com o cavalo me fez tropeçar.

Mas abriu-se um caminho atrás dele, e lá havia luz. Como a música, vinha da outra margem um arco de luz sobrenatural, de outro mundo. Meu peito arfava. Olhei através daquele túnel de luz e, embora o contemplasse diretamente, não me ofuscava.

O gaiteiro estava na Itália, do outro lado do Rubicão (rio que faz fronteira entre o território de Roma e as regiões provinciais).

A MÚSICA SILENCIOU OS SOLDADOS. TODOS PARARAM. UM CENTURIÃO A meu lado berrou uma ordem de avançar para o riacho. Ninguém obedeceu. A música flutuava no ar, a névoa revolteava em torno do gaiteiro. Um legionário gritou:

— É o deus Pã! — E o seu grito pegou, ecoando ao longo da linha irregular. — Pã, Pã, Pã!

O primeiro a gritar o nome se atirou ao chão. Os outros imitaram a sua ação. Firmei o olhar no gaiteiro, que parecia se retirar, porém sem se mover, sumindo até a invisibilidade, enquanto eu tentava não o perder de vista. A música desapareceu junto com ele. Houve um longo silêncio. Envergonhados do terror momentâneo, mas estranhamente exultantes, os homens se levantaram aos poucos, avançaram para o riacho e o cruzaram, entrando na Itália.

— Foi um truque do general, não há dúvida — disse Casca. Foi? Eu nunca soube. Ao ter notícia do incidente, César sorriu de um jeito evasivo, de falsa modéstia, típico dele, que nada diz, mas sugere uma enormidade.

LEMBRO-ME DAQUELE JANTAR EM RIMINI. RECEBEMOS A NOTÍCIA DE que as guarnições das vilas da região tinham se entregado e vinham a César com protestos de lealdade.

César reuniu seu Estado-Maior e disse:

— Não é hora de festejar, mas ergo um copo de vinho em gratidão por seu apoio e como testemunho da minha determinação em vencer. Demos um passo irrevogável. Hoje, ao cruzar o rio, violamos as leis da República. Todos vocês sabem por quê. Meus inimigos estavam decididos a me destruir. Agi em defesa da minha dignidade, que para mim é mais cara que a própria vida. Não se deixem enganar por quem afirma se tratar de mera questão pessoal. Sei que não acreditam nisso. Mas sei também que, nos próximos dias, seus amigos, parentes e partidários tentarão por todos os meios convencê-los de que não passa disso. Assim, declaro que agi em defesa dos direitos constitucionais dos tribunos e da liberdade dos romanos, que os meus adversários tentam subverter. Lembro-lhes que propus depor as armas se Pompeu fizesse o mesmo.

Lembro-lhes que ofereci a rendição de todas as minhas tropas, salvo a Gália Cisalpina e uma única legião. Lembro-lhes que usaram a força contra os tribunos que tentaram lançar um veto legítimo ao decreto do Senado que me obrigaria a dissolver meu exército sem me oferecer qualquer garantia de segurança pessoal. Não procurei esta guerra. Ela me foi imposta pelos meus inimigos. Eles queriam a guerra, eu não. Estou feliz por ter me proporcionado a oportunidade de saber quem são meus amigos.

Vocês são os mais importantes dentre eles e agradeço de todo coração por sua coragem e lealdade. Nossa posição é periclitante, mas já enfrentei o perigo outras vezes. Confio na audácia, e confio na justiça da minha causa.

Marco Antônio liderou os vivas e todos aplaudimos. Era um alívio chegar ao término daquele período de incerteza, chegar ao momento em que tudo estava sendo posto à prova.

Confesso que os meus aplausos eram tanto mais altos devido ao medo que eu sentia. Será difícil para as novas gerações entenderem o temor e o respeito que Pompeu inspirava.

Mas era natural. Durante toda a minha vida, ele fora o grande homem de Roma. Suas conquistas na Ásia não tinham precedentes. Em comparação, mesmo a conquista da Gália, realizada por César, parecia pequena. Os gauleses não passavam de bárbaros corajosos, ignorantes da arte da guerra. Mas Pompeu havia derrotado grandes reinos, colocando-os sob o jugo de Roma. Nosso império era mais criação dele do que de qualquer outra pessoa. Por muitos anos, ele obscurecera César. A primeira vez que eles se encontraram,

César era o menos importante no Triunvirato formado por Pompeu e Marco Crasso. César não tinha a fama de um nem a riqueza do outro.

Nosso partido não tinha nada comparável ao renome de Pompeu, nada de comparável à opulência de seus partidários. Em torno da mesa de jantar, havia poucos homens que o mundo aprendera a respeitar, e alguns — principalmente Casca e Marco Antônio — que o mundo estava acostumado a desprezar. Eu sabia que muitos dos adeptos de César eram tão inadimplentes quanto Casca, desesperados para reaver sua fortuna com o naufrágio do Estado.

Eu não estava entre estes. Nem era, como muitos outros, um aventureiro sem berço. Eu vinha de uma das melhores famílias de patrícios; podia me vangloriar de ter dezenas de cônsules como ancestrais. Eu era rico. Quando entrasse na posse da minha herança, as propriedades bastariam para me proporcionar uma vida luxuosa — e o meu pai era velho. Eu nada tinha a ganhar, pois não me faltava riqueza, reputação ou posição, e tinha muito a perder. No entanto, apoiei César.

Se perguntassem por quê, eu não saberia responder ao certo. Quando leio os escritos dos historiadores, me espanta a certeza com que eles afirmam o motivo das ações.

É curioso que saibam coisas assim, quando poucos poderiam dizer com igual certeza por que se apaixonam por uma mulher ou por um rapaz. Reuni-me ao Estado-Maior de César como jovem oficial na Gália. É natural sugerir que isso determinou minha fidelidade. Mas Labieno, que era muito mais íntimo dele, abandonou sua causa, apesar de César sempre ter falado de Labieno com carinho. Alguns dizem que foi porque ele veio de Picenum, uma fortaleza de Pompeu, e portanto devia lealdade anterior. Não acredito nisso. Alguma coisa na maneira de César o ofendeu. Teria sido a mesma coisa que me prendeu ao general?

Essas perguntas me deixam perplexo até hoje, quando pouca importância têm, quando talvez nada mais tenha importância. Não acredito que a minha vida seja longa. Sou mantido aqui pelos gauleses como penhor, um poder de barganha. Antevejo um fim ignominioso. Hoje de manhã, perguntei ao jovem designado para me acompanhar, e que fala um latim tolerável, se havia novidades. Deduzi o pior do seu silêncio. Mas pode ser apenas por ignorância dele. Afinal, por que ele estaria a par de negócios de Estado?

Sim, confesso, estou apreensivo. Não temo a morte. Nenhum nobre romano a teme. Gostaria apenas de ter a certeza de morrer de modo digno, como os meus ancestrais.

Meu medo é de que isso não me seja permitido.

O mais provável é eu receber uma facada no meio da noite; depois, minha cabeça enviada a meus inimigos como prova de boa vontade. Foi o destino de Pompeu. César fingiu repugnância; no íntimo, sentiu alívio! Ele não teria sabido o que fazer com Pompeu, um objeto não adequado para sua famosa clemência.

Aqui, onde eles me mantêm cativo, corro à frente de mim mesmo.



O charme de César, o famoso charme de César... Ele tinha o hábito de passar o braço em torno da pessoa, pegar o lóbulo da orelha do seu interlocutor entre o polegar e o indicador e ficar brincando com o lóbulo enquanto confiava, ou parecia confiar, seus segredos. Eu não teria tolerado isso de qualquer outro homem. Mas quando César me abraçava, eu sentia um arrepio de prazer. Admitir isso me degrada?

MINHA PERPLEXIDADE É AINDA MAIOR PORQUE, AO CONTRÁRIO DE Marco Antônio, eu não tinha certeza da vitória.

Aquela noite, quando César se retirou, Antônio se reclinou num divã e mandou que os seus escravos lhe trouxessem outra ânfora de vinho.

Ele sorriu para mim.

— Ficaré para beber? Você compartilhará esta noite de gáudio, não?

— O general sugeriu que nos recolhêssemos cedo. Temos uma guerra pela frente! — eu disse, tomando o divã mais próximo e pegando o vinho.

— A guerra vai demorar muito — disse Antônio. — Por enquanto é um piquenique, uma excursão de férias!

— Como você sabe?

Ele sorriu com aquele encanto que seduzia homens e mulheres; aquele sorriso que eu tanto invejava se espalhou pelo seu rosto. Havia momentos em que Antônio parecia o deus Apolo.

— Eles fugirão como lebres! — ele disse. — Você se esquece que acabo de chegar de Roma? Conheço o calibre dos nossos inimigos! É só vento! Soube que precisei me disfarçar de escravo? Isso significa que convivi dois dias com escravos. Os escravos conversam, entre eles, coisas que seus amos nem imaginam! Sabia disso?

Ele me serviu mais vinho e fez um gesto, dispensando os escravos.

— Sabe o que disseram? Disseram que os otimados (membros da alta nobreza)... você deve saber que Cícero usa essa expressão para se referir àquele grupo de anciãos idiotas unidos contra nós... Disseram que os otimados estão se borrando de medo. E eu acredito.

— Pompeu? — perguntei. — Pompeu acabou! Pode ter sido um grande homem, mas agora... — Ele virou o polegar para baixo. — Você esteve na Gália. Tem visto Pompeu ultimamente?

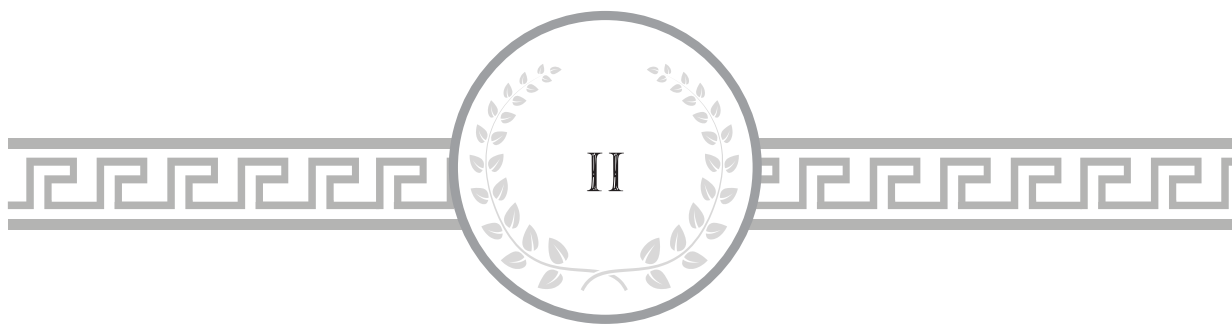
— Estive em Roma no inverno passado. Vi Pompeu sendo carregado numa liteira através do Fórum.

— Numa liteira... O Grande Homem agora é um monte de banha! Ele nunca soube muita coisa, exceto... isso eu reconheço... organizar um Exército. Mas na política sempre foi um inocente. Foi manipulado pelos inimigos de César, que eram inimigos dele há não muito tempo... Na verdade, durante a maior parte de sua vida. Eles prenderam Pompeu, e só restou a celebridade. Celebridade. Não dou a mínima pela celebridade.

Não, meu querido, a campanha que nos aguarda não será nada parecida com o que você viu na Gália. Lá, eles lutam. Desta vez será uma batalha de flores. E de palavras.

Pode contar com as palavras de Cícero. Como serão as mulheres dessa cidade?

Então acompanhei Antônio a um bordel e fui dormir bêbado e saciado ao nascer do sol. Foi assim que comecei a grande campanha italiana.



NÃO TENHO A INTENÇÃO DE DESCREVER NOSSA CAMPANHA NA ITÁLIA, nem a guerra civil que se seguiu. Primeiro, porque não sei quanto tempo terei para escrever estas memórias; segundo, tenho lembranças muito dolorosas das guerras mais recentes, concluídas de maneira tão desastrosa.

Isto é, concluídas no que me diz respeito.

Alguns verão minha detenção como justiça. Irônica, ou poética, talvez justa. Como a vejo?

Vou lhes dizer. César se gabava de sua clemência, mas a restringia aos cidadãos romanos. Quando se tratava de estrangeiros, ele esquecia a clemência.

Veja o caso do líder gaulês Vercingétorix, por exemplo. Ele era um homem de grande beleza, coragem e astúcia, chefe de Arverni. Tomei parte na terrível Campanha da Alésia. Foi a minha primeira experiência de guerra total. Eu me uni ao exército durante o cerco à fortaleza gaulesa de Avaricum. Era inverno. A neve atingia os joelhos nas estradas da montanha. Uma das minhas unhas caiu devido ao frio. Vercingétorix destruiu celeiros e armazéns na tentativa de nos privar de alimento. Nossos legionários estavam próximos do desespero. César os mantinha unidos com insultos e afeição. Num assalto direto, tomamos a cidade. César ordenou ou permitiu — eu nunca soube ao certo qual dos dois — um massacre geral.

— Por que não? — disse Casca. — Aqui há comida para um exército, mas não para a população civil.



Casca comandou um destacamento enviado para guardar os armazéns de trigo e impedir que eles fossem saqueados. Metade da cidade ardia em chamas. A confusão era terrível. Estupravam as mulheres e depois lhes cortavam a garganta. Umas poucas felizardas tinham conseguido se agregar às tropas. César contemplava esse horror com equanimidade.

— Os homens sofreram muito para conseguir isso — ele dizia.

Os gauleses não se desesperaram. Vercingétorix se enclausurou em sua cidadela de Alésia. Fizemos o cerco. Logo depois, éramos nós os sitiados.

Outro exército gaulês desceu sobre nós e investiu contra as nossas linhas, que, por sua vez, investiam contra a cidade. Apenas um comandante extremamente impetuoso poderia ter caído em tal armadilha; apenas um comandante de rara ousadia e audácia poderia ter-nos salvo.

César permaneceu calmo.

— O destino de César não é o de morrer em terras de bárbaros — ele disse, tocando a testa.

Um dia, para o nosso espanto, as portas da cidade se abriram. Ficamos a postos, esperando um ataque. Mas não foram soldados que vimos descendo o morro em nossa direção, e sim uma chusma de velhos, mulheres e crianças.

— Então — disse Casca — os suprimentos andam escasseando por lá também.

Eles estendiam as mãos para nós, apontando a boca, e gritavam naquela algaravia esquisita, implorando por comida. César deu ordens para que não se desse nada a ninguém, e que nenhum deles fosse admitido em nossas linhas.

— Nem moças bonitas, nem rapazes bonitos — ele disse. — Não fará mal à guarnição ver seus entes queridos morrendo de fome diante de seus olhos!

Por três dias, eles perseveraram em suas súplicas abjetas. Por três noites, nosso sono foi perturbado por seus gritos dilacerantes. Muitos de nós ficaram indignados.

Um soldado não deixa de ter sentimentos ternos. Mas César foi inflexível. Quando descobriu que um centurião tivera o desplante de possuir uma bela moça, ordenou que ele fosse açoitado e rebaixado de posto. A moça foi enxotada a chicotadas de nossas linhas, para voltar a morrer de fome.

Aos poucos, aquele povo desgraçado começou a sumir. Aonde foram, se algum escapou, nunca vim a saber. Dias depois, tinham simplesmente desaparecido. Certamente se meteram pelas florestas para morrer.

A essa altura, o exército auxiliar tinha investido sobre nós. Mais tarde, César declarou que eram oito mil na cavalaria e um quarto de milhão na infantaria. O relatório foi apresentado ao Senado, mas era pura fanfarronice. Não tínhamos meio de saber quantos eram.

Não vou descrever a batalha. Foi como todas as batalhas, só que pior. Para dizer a verdade, as narrativas de batalhas raramente fazem sentido. Não, não é verdade, fazem sentido demais. Os historiadores lhes dão uma forma que elas não possuem, atribuindo aos comandantes um grau de controle que não existe. Não aconselho ninguém a ler o relato de César da Batalha da Alésia; é melhor conversar com algum legionário que lutou na linha de frente. Quanto a mim, não me lembro de nada. Mais tarde, Trebônio disse, brincando, que eu estava tão bêbado quanto Antônio, mas não é verdade. Hoje posso admitir que a minha memória foi obliterada pelo medo que senti.

Eu havia sonhado que iria morrer, e por pouco não morri.

A certa altura, Vercingétorix liderou um ataque vindo da cidade. Acho que ele calculou mal o momento. Meia hora antes, quando ainda não havíamos garantido nossa posição contra o exército auxiliar, ele poderia ter liquidado conosco. Mesmo depois, teríamos perdido se a cavalaria, desprezando as ordens de César para que mantivessem a posição, não tivesse iniciado um movimento para cercá-los. Quando os gauleses viram o que estava acontecendo, muitos entraram em pânico e fugiram para a cidade. Foi esse instante de terror que decidiu a batalha. Conseguimos avançar, uma massa de metal, espadas em riste; na escalada em perseguição aos que ainda lutavam recuados na cidadela, pisoteávamos os corpos dos inimigos. Quando as portas se fecharam diante de nós, eu soube que Vercingétorix estava condenado.

No dia seguinte, ele enviou um mensageiro com os termos de um acordo. César respondeu que só falaria com o próprio Vercingétorix.

O chefe gaulês saiu da fortaleza que se tornara sua prisão. Montava um cavalo branco. Apesar de um talho aberto à espada sobre seu olho direito, ele cavalgava ainda ereto, altivo como um noivo. Quando desmontou,

ainda ficou um palmo mais alto do que César, que estava à espera de que ele lhe jurasse obediência. Mas o gaulês se negou.

Falou em latim, não muito correto, mas latim mesmo assim.

Concedeu a vitória e pediu misericórdia para as suas tropas e para o povo da sua tribo. O mau cheiro dos cadáveres e do sangue enchia o ar.

Sem se dirigir ao seu nobre inimigo, César chamou dois centuriões e ordenou que acorrentassem o chefe gaulês.

— César não discute com bárbaros! — ele disse, embora durante os anos que passou na Gália o tivesse feito em várias ocasiões.

César promulgou suas ordens. As tribos de Arverni e de Aedui seriam poupadas; deveriam reassumir a posição de amigos do povo romano. (Foi muita esperteza: Arverni era a tribo de Vercingétorix.)

— Foram desorientados por maus conselhos — disse César, sem sequer olhar diretamente para Vercingétorix, não se dignando a dirigir-lhe a palavra.

Todos os outros prisioneiros deveriam ser entregues aos legionários. Antes, porém, deveriam cavar uma vala para os mortos.

Disse, então, aos centuriões:

— Levem este homem; ele deve ser mantido em vigilância constante!

E nunca mais falou com Vercingétorix. Mas tinha lhe reservado um papel: ele seria preservado para ser apresentado no Triunfo de César. Isso não aconteceria por muitos anos ainda. Depois, como todos sabem, o chefe gaulês foi estrangulado na prisão de Mamertine. Vercingétorix recebeu os insultos com absoluta serenidade. César foi o conquistador, mas quem ganhou o dia foi o inimigo derrotado. Aquela noite, senti vergonha por César.

(MAIS TARDE, DEI ESTE RELATO AO JOVEM ARTIXES, FILHO DO MEU CAPTOR. Ele passou algum tempo em Roma e lê latim com facilidade. É um jovem gracioso, possui certo encanto e acredito que se condói sinceramente de mim. Por acaso é também primo de Vercingétorix, por parte de mãe. Interessou-me ver como meu relato o atinge.

Naturalmente, ao ler esta confissão, alguns dirão que eu a escrevi na tentativa de incorrer em seu favor. Essa opinião não seria destituída de inteligência, mas esse não foi o meu propósito. Na verdade, enquanto

escrevia, fiquei surpreso ao descobrir a força dos meus sentimentos. Eu já havia observado isso antes, e surge a questão filosófica quanto a esse tipo de escritos realmente alterar os sentimentos da pessoa, ou na verdade esses escritos serem ou não um subsídio para a insinceridade.

Não sei responder à questão. A verdade é, como sempre, complicada: jamais podemos recapturar nossas emoções exatas e a evocação de eventos passados é sempre colorida pelo que aconteceu desde então.

— Como você foi capaz de seguir um homem desses? — ele disse.

Ele tem um rosto peculiarmente franco, bem quadrado, sob um tufo de cabelos louros.

— Você nunca sentiu o charme, a autoridade dele — respondi. — Diga-me, você se lembra do seu primo?

— Que lhe interessa saber? Você é romano e cúmplice no assassinato dele.

— Você leu o que escrevi — eu disse. — Isso explica minha pergunta.)

DEPOIS DA BATALHA, CÉSAR ELOGIOU ANTÔNIO E TREBÔNIO. NÃO FEZ alusão à minha participação na ação, mas não me aborreci com isso. Para dizer a verdade, teria ficado envergonhado se ele dissesse alguma coisa em meu louvor. Mas vi a expressão carregada de Labieno. Ele odiava Antônio, achava que ele não passava de um depravado.

Foi talvez nesse momento que ele começou a se separar de César.

Naquela noite, Antônio veio até a minha tenda. Estava bêbado, como talvez tivesse o direito de estar. Eu gostaria de estar bêbado por outra razão.

Prefiro não recordar essa visita, a não ser por algo que ele disse:

— César ainda não percebeu, mas agora Roma é dele!

Naquela ocasião, achei isso um absurdo.

Ele se deitou na minha cama, com a túnica arregaçada.

— Massacre me dá tesão... — ele disse.

Acho que sorri, como me inclino a fazer quando fico encabulado.

— Você é um ratinho branco — ele disse. — Um ratinho branco e tímido.

Sou naturalmente pálido, mas nessa época meus cabelos não eram brancos, e sim louro-palha. Antônio se divertia fazendo jogos de palavras com o meu cognome. Talvez um de meus ancestrais fosse mesmo albino.

Não sei. Sempre tive traços marcados, nunca belos, e recebi na infância o apelido de “Ratinho”, que me acompanha até hoje.

César significa “peludo”, mas César mesmo era calvo, o que muito o envergonhava.

— Não se preocupe — Antônio disse —, eu quero mesmo é uma mulher!

Levantou-se cambaleando e, apesar da embriaguez, movia-se com a graça langorosa de um felino. Pousou as mãos em meus ombros, para se equilibrar, e olhou-me firme no rosto. Seu hálito cheirava a vinho. Inclinou-se e beijou meus lábios.

— Ratinho... — ele disse. — Pequeno Décimo Júnio Bruto Albino Ratinho. Não precisa ter medo...

— Eu não estou com medo — eu disse. — Estou aborrecido e enojado.

— Comigo, Ratinho?

— Aborrecido com você e enojado com o que aconteceu hoje.

— Ora, Vercingétorix jogou e perdeu! Ele era um problema dos diabinhos para nós! Conhecia as regras do jogo... Não pode culpar César por ter vencido...

— Não o culpo — eu disse. — Eu o culpo de...

Interrompi-me.

— Cuidado, Ratinho... — Antônio disse. — Cuidado para não falar mal do general.

— É claro... — eu disse. — Não se deve fazer isso.

CÉSAR: COM TODAS AS SUAS VERRUGAS. ALGUM DIA ELE FOI SINCERO?
Teríamos morrido por ele, morrido pelo seu sorriso. Todos nós, seus generais e tenentes na Gália, sentimos seu toque mágico. Todos tínhamos medo dele também, até Antônio, que fingia não temer homem algum. Mas já o vi reduzido a gagueiras e rubores por um olhar frio de César. Até Casca ficava desconcertado diante dele.

A primeira vez que vi César, ele estava saindo do quarto da minha mãe. Eu era uma criança, tinha nove ou dez anos. Era uma manhã de verão, eu tinha acordado cedo e, sem conseguir voltar a dormir, fui buscar consolo em minha mãe. Quando cheguei ao seu quarto, a porta se abriu e apareceu um jovem usando uma túnica curta, mas eu não sabia que ele era César.

Ele parou e sorriu, tocou minha bochecha com o indicador, pegou minha orelha entre o polegar e o indicador e segurou-me à distância de um braço.

— Então este é o Ratinho! — ele disse. — O Ratinho de quem ouvi falar tão bem! Ouvi dizer que você gosta de poesia grega...

Concordei com a cabeça.

— Eu também, menino! Vamos discorrer sobre isso numa ocasião futura e mais propícia!

Ele riu, uma risada de pura alegria, e foi embora. Eu o acompanhei até fora de casa, vi quando ele deu uma moeda ao porteiro e os meus olhos continuaram pousados nele enquanto se distanciava. Ao cruzar o pátio, jogou a toga drapeada por cima do ombro. Eu nunca tinha visto um nobre se mostrar em público em tal estado de pouca vestimenta. Hoje sei que ele se comprazia em alardear suas conquistas. Eu não sabia por que ele tinha ido à nossa casa, não entendi na ocasião que ele era amante da minha mãe.

É claro que ele nem ligava para ela. Mas ela o adorava! Quando entrei no quarto dela, foi como se eu olhasse para uma desconhecida.

Naquela época, César ainda não tinha alcançado fama como militar. Era conhecido somente por sua depravação e por suas dívidas. Mas isso também eu só soube depois.

Quando ouvi falarem de César nesses termos, não consegui associar o homem assim retratado à grandiosa descontração de suas maneiras. Aos dez anos, tornei-me seu escravo, como minha mãe já era. A adoração a César foi um segredo que compartilhamos e conservamos escondido de todos, principalmente do meu pai.

Tempos depois, ouvi o meu tio perguntar a ele por que não tinha se divorciado de minha mãe.

— Por causa de César? — disse meu pai. — Meu caro, se todo homem chifrado por César se divorciasse, Roma ficaria despojada de pessoas casadas! Ela não me trairá com ninguém mais. Todos nós, maridos, abrimos exceção para César.

TALVEZ ENTENDAM POR QUE SEUS SOLDADOS CANTAVAM NO TRIUNFO:

O careca mulhengo volta ao lar,
Romanos, trancai as esposas em casa.

Tributos e escravos lucrados na Gália
Ficaram com as putas de César por lá.

É fato notório que não foram só as putas da Gália. Em certa ocasião muito comentada, mas nunca bem explicada, César foi apanhado “do outro lado da cerca”.

Quando jovem, servindo como ajudante de ordens de Marco Termo, então procônsul da Ásia, César foi enviado em missão diplomática ao rei Nicomedes, da Bitínia. Ninguém sabe exatamente o que se passou ali, mas ouvi Cícero (fofoqueiro inveterado e não confiável) afirmar que “os criados de Nicomedes conduziram César aos aposentos reais, onde ele se deitou num colchão dourado, trajando uma túnica púrpura. Imaginem só, amigos! Pois foi assim que o descendente de Vênus perdeu a virgindade na Bitínia”. Pode ser bobagem, e a história certamente é enfeitada, mas todo mundo acreditou. O versejador Licínio Calvo publicou um pequeno pasquim sobre:

As riquezas do Rei da Bitínia
Que abusou de César no leito real.

E certa vez, quando César discursava no Senado em defesa de Nisa, filha de Nicomedes, enumerando suas próprias obrigações para com o rei, mais uma vez Cícero gritou, com sua animação provinciana: “Pare com isso, por favor! Todos sabemos o que ele lhe deu e o que você deu em troca”.

É verdade que havia alguns mercadores romanos na Bitínia nessa ocasião que devem ter contado o que aconteceu por lá. Não há um bom motivo para supor que a versão deles fosse totalmente mentirosa.

De qualquer jeito, essas histórias circulavam amplamente em Roma quando eu era menino, o que fazia César me aparecer de forma ainda mais fascinante. Qualquer outro teria sido destruído pela vergonha. Qualquer outro teria se escondido e abandonado a vida pública. César, não. Ele lidava com aquilo com a mesma jactância com que se confrontava com o filho da mulher cuja cama ele acabara de deixar. Mas diversas vezes me perguntei se ele não decidiu criar a reputação que alcançou junto às mulheres precisamente por causa dessa mancha em sua honra. Afinal, ninguém faz

objeção a um homem que decide fazer amor com rapazes, mas se submeter ao abraço de um homem mais velho é considerado desonroso para um adulto. Estes são os devassos, em geral desprezados. Isso se aplica até aos gregos, como se lê em Platão.

A propósito, Bibulus, que dividiu o consulado com César em 59, descreveu-o num édito como “a rainha da Bitínia que um dia quis dormir com o monarca e que agora quer se tornar um”.

Isso se aproxima mais da questão, é claro.

O que estou dizendo pode parecer evasivo ao leitor destas memórias — se eu sobreviver para terminá-las, e se elas sobreviverem para encontrar um leitor —, mas acho que os eventos em que fui envolvido não serão entendidos se o próprio César, em sua múltipla variedade, não for oferecido ao entendimento.

O que me deixa com a questão a que não sei responder: terá havido outra razão pela qual o infamante episódio com o rei Nicomedes só lhe causou danos tão transitórios?

Anos depois, perguntei à minha mãe se ela acreditava que César realmente a tinha amado. Ela riu e disse:

— Claro que não, querido! Eu o adorava, mas isso era muito diferente! Mesmo na época, eu não podia me iludir. Eu sabia, por exemplo, que ele estava tendo um caso simultaneamente com Postúmia Sulpício... Uma boba, por sinal. Não, César não era como Pompeu, que, talvez você se surpreenda ao saber, realmente adorava as mulheres com quem se envolvia. E havia outra diferença: quando jovem, Pompeu era lindo! Vendo-o hoje, você pode não acreditar, mas ele era tão belo que dizíamos que todas as mulheres tinham vontade de mordê-lo! César era bonito, de um modo frio e arrogante, mas não era pela beleza que fazia o sucesso que, aliás, fez também com Múcia, segunda mulher de Pompeu... ou foi a terceira, não me lembro... Mas como era mãe de três filhos, Pompeu achava que ela estava absolutamente segura. E estava, até César aparecer. Ele costumava chamar César de “Egisto”, sabia?

— Egisto?

— Ah, você é tão lento, Ratinho! Egisto, amante de Clitemnestra. Mas, veja bem, nada disso impediu que Pompeu se casasse com a filha de César anos depois. Mas isso você sabe, é claro. Coitada!

— Coitada?

— Sim, Pompeu já era impotente, além de estar sempre bêbado na hora de dormir, segundo dizem. Não, eu diria que houve apenas uma mulher que César chegou perto de amar, e nunca entendi por quê.

— Quem foi?

— Servília, mãe do seu primo Marco.

— Servília, aquela medonha?

— Pode lhe parecer medonha, Ratinho, mas é uma mulher muito inteligente. Sabia prender César. Ele sempre voltava para ela!

— Eu sabia que eles eram aliados e que tiveram um caso. Isso não era segredo. Quando crianças, fazíamos Marco chorar com essa história. Mas ainda assim ela era uma chata, com aquela eterna conversa de virtude e parentesco com os Gracos. Acha mesmo que ele a amava?

— Sim — disse minha mãe —, o que não a impediu de prostituir sua prima Tércia, para o deleite de César!

Tércia era uma gracinha, e em nada se parecia com a mãe. Deu para beber e morreu jovem. Talvez minha mãe tivesse razão.

Lembro-me de que Cícero não perdeu a ocasião para fazer um de seus bons motes sobre o caso. Quando César, dois ou três anos atrás, armou a venda de propriedades confiscadas a Servília por um preço irrisório, no que deveria ser um leilão público, Cícero disse:

— Foi ainda mais irrisório do que se pensa, porque já tinha descontado a terça (tércia) parte.

Corria o boato de que Marco Bruto era filho de César. Quando pequeno, essa acusação também lhe provocava lágrimas de fúria e de vergonha. Mais tarde, passou a confirmar a suspeita, ao mesmo tempo em que professava ser impossível. Como todos os que alardeiam virtude, meu primo Marco é um falso, um Jano de duas caras.

O jovem Artixes me disse:

— Você fala de charme e autoridade, mas eu só vejo um canalha! Ainda me espanta que você tenha seguido esse homem! Para nós, gauleses, estava claro que ele era uma força destrutiva. Você não percebeu isso?

— Artixes — disse —, não sei se você ouviu o que Marco Cato disse.

— Nem sei quem foi Marco Cato.

— Sorte sua! Mas ele disse: “César foi o único homem sóbrio que tentou destruir a Constituição”.

— Não entendo o que você quer dizer...

— Não faz mal! Vamos — eu disse a Artixes, vendo o desapontamento em seu rosto. — Vamos dar um passeio ao cair da tarde, e eu tentarei lhe explicar.

(Vejam que, no presente momento, as circunstâncias da minha prisão não são árduas nem opressivas. De fato, sou muito bem tratado e sou forçado a rever minhas ideias sobre a civilização gaulesa. É verdade que o vinho deles é abominável, mas eles se preocupam com o meu conforto e a comida é tolerável. O melhor de tudo é que eu tenho uma espécie de jardim selvagem onde me permitem caminhar — sob supervisão, é claro.

Ele desce até um rio e há montanhas do outro lado da campina. Ao cair da tarde é agradável andar sob as castanheiras, com um aroma de azevinho no ar. E o jovem Artixes é uma companhia encantadora; realmente passei a gostar muito dele.)

O AR DA TARDE ERA CÁLIDO. PÁSSAROS CANTAVAM. UM CACHORRO LATIU numa vila lá embaixo. Uma risada de meninas chegou até nós. Artixes disse:

— O que quer dizer Constituição? Já ouvi os romanos falando esta palavra e sempre fico intrigado...

— Também fico intrigado — eu disse. — É parte do problema. Deve entender, Artixes, que anos atrás Roma era governada por reis, como as suas tribos.

— Isso é natural — ele disse. — É claro que todo mundo tem um rei!

— Não exatamente! Alguns Estados são o que chamamos de República.

Não me peça para explicar. Quando eu tiver terminado, você entenderá o que é República, mas se for explicar cada palavra, não chegaremos a lugar nenhum. Pois bem, os romanos ficaram descontentes com os seus reis.

— Por quê?

— Primeiro porque eles eram estrangeiros.

— Para mim, ter um estrangeiro como rei é um sinal de fraqueza!

— Talvez fosse, não sei, foi há muito tempo. O filho do rei era mau.

— O que ele fez?

— Estuprou uma moça.

Ele me olhou com uma expressão que julguei ser de assombro, novamente perdido.

— Mas ele era filho do rei — ele disse. — Ela devia ficar honrada ao cumprir uma ordem dele.

— Você pode pensar assim, mas ela não ficou, e o pai e os irmãos dela ficaram muito bravos! Eles se revoltaram contra o rei e o expulsaram da cidade.

— Sim — ele disse. — Isso eu entendo! E se proclamaram reis?

— Não exatamente. Os romanos acharam que ter um rei não era uma boa ideia. Não me pergunte por quê. Foi o que acharam. Então resolveram ter uma nova forma de governo, diferente. Em vez de um homem ser rei a vida inteira, eles dividiram o governo entre dois homens, que teriam poder igual e só teriam esse poder por um ano. Não eram chamados reis, mas cônsules.

— Eram mortos no fim do ano?

— Não.

— Então, como os convenciam a deixar o poder?

— Convenciam. Eram as regras!

— E isso ainda acontece?

— Ainda temos cônsules. Eu teria sido cônsul no próximo ano.

— Mas não será. Você está aqui.

— Sim. Só que atualmente os cônsules não têm muito poder.

— Entendo. Essa maneira de fazer as coisas não funciona.

— Funcionou bem por muito tempo. E muito bem! Talvez até bem demais! Roma se tornou grande e poderosa. Você sabe disso, sentiu o nosso poder. Conquistamos outras terras, outras tribos, e estendemos o nosso Império.

— Sim, vocês matam pessoas e chamam isso de paz.

— Como queira, mas não é assim que pensamos. O Império cresceu tanto que os generais tinham de comandar exércitos e províncias durante muito tempo. No fim, os generais ficaram mais poderosos que os cônsules.

— Então os generais se tornaram reis.

— Não exatamente.

ÀS VEZES ME PERGUNTO SE ARTIXES É TÃO INGÊNUO QUANTO APARENTA. Afinal, ele morou em Roma, numa espécie de detenção. Deve saber mais sobre política romana do que demonstra.

Mas quando olha para mim com seus olhos azuis arregalados e sorri com franca admiração, só posso pensar que ele é inocente.

Passei o braço em torno do ombro dele.

— Artixes, acho que você sabe de tudo isso.

Ele sorriu de novo.

— Bem, um pouquinho... — ele disse.

— Então é um jogo!

— É interessante ouvir como você explica. E quero saber mais sobre César, e por que você o seguiu até... E aquelas mulheres. Ouvi falar da rainha do Egito. E os homens dizem que ela é de uma beleza deslumbrante!

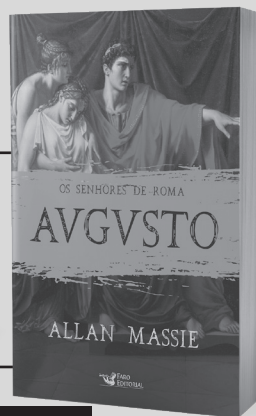
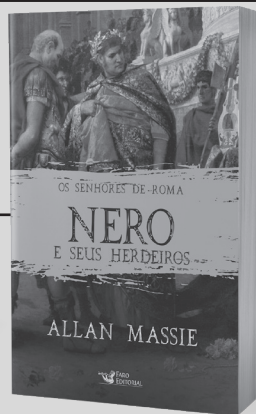
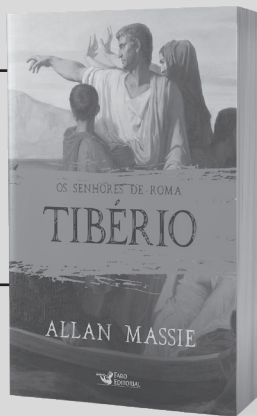
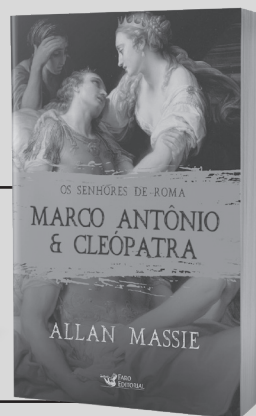
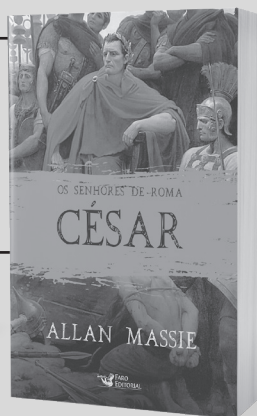
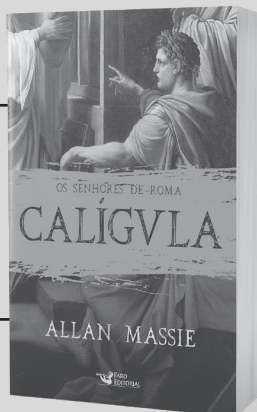
— Cleópatra? Não... É mais interessante do que isso...

— Fale-me sobre ela!

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

COLEÇÃO “OS SENHORES DE ROMA”



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM AGOSTO DE 2021